



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 19, Número 1, jan-jun, 2026, pág. 391-401

Relato de pesquisa com mulheres guineenses no associativismo migrante

Research Experience with Guinean Women in Migrant Associativism

Renata Maria Franco Ribeiro¹

RESUMO

O presente relato de experiência faz parte da investigação em andamento, na qual foi submetido o relatório de tese no segundo ano letivo de 2023/2024. Apresento parte da trajetória da investigação, desde o contato com as fontes primárias e secundárias, para obter e traçar caminhos que oportunizassem captar as vozes e narrativas das mulheres guineenses, participantes da nossa investigação, a partir das metodologias qualitativas e, como foco, a biografização da mobilidade social e, sobretudo, do protagonismo da agência feminina no associativismo migrante. Interessa-nos compreender como as mulheres participam, mobilizam e recriam recursos sociais e econômicos na diáspora e no lugar de origem.

Palavras-chave: Mulheres guineenses. Associativismo Migrante. Agência feminina. Redes de mulheres.

ABSTRACT

This experience report is part of an ongoing investigation, for which the thesis report was submitted in the second academic year of 2023/2024. I present part of the research trajectory, from contact with primary and secondary sources, to obtain and trace paths that would allow us to capture the voices and narratives of Guinean women participating in our research, using qualitative methodologies and focusing on the biographization of social mobility and, above all, the protagonism of female agency in migrant associations. We are interested in understanding how women participate in, mobilize, and recreate social and economic resources in the diaspora and in their place of origin.

Keywords: Guinean women. Migrant associations. Women's agencies. Women's networks.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado no âmbito do Relatório de Progresso de Tese, referente ao segundo ano letivo de 2023/2024, do Curso de Doutorado em Estudos Africanos no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). A tese intitula-se "Gênero e Poder no Associativismo Migrante: Redes de Mulheres Guineenses". O objetivo geral é compreender como as mulheres guineenses estabelecem vínculos e conexões transnacionais a partir das redes sociais no associativismo migrante e como estas práticas se reatualizam na diáspora.

¹ Universidade de Lisboa-Iscte. Professora da Rede Municipal de Guaramiranga-Ceará-Brasil. E-mail: renataribeiroiscte@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7455-3589>



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Desse modo, para dar conta do que foi proposto, apresento alguns passos percorridos pela investigadora, tais como: primeiro, foi realizado o levantamento bibliográfico, incluindo

teses, artigos e relatórios; em seguida, a realização de entrevistas exploratórias com dirigentes de associações guineenses; entrevistas com mulheres ativistas na sensibilização contra a Mutilação Genital Feminina (MGF). Optou-se por encontros e tomar notas no caderno de campo e gravando conversas com ex-membros do Alto Comissariado para as Migrações; também com a coordenadora de Cooperação e Desenvolvimento Global do Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF), que mantém parceria com a União Europeia e a plataforma das associações da diáspora guineense. Além da escuta de informantes privilegiados, pelo seu acesso ao terreno e pela relação permanente com a comunidade guineense.

Também optei por contactar as mulheres participantes da minha investigação do curso de Mestrado em Antropologia, intitulada "Mulheres Guineenses, Agencialidade e Redes Sociais em Contexto Pandémico: Uma Etnografia do Cotidiano no Bairro do Vale da Amoreira (Moita-Portugal)", com o objetivo de, possivelmente, encontrar pistas sobre as redes familiares e de vizinhança nas quais poderiam sugerir outras mulheres recém-chegadas ou não.

O debate sobre imigrações e etnicidades é amplo e diversificado, estando no topo da agenda científica das pesquisas em Portugal (Abranches, 2013). Existe uma literatura consolidada que traz os principais debates, abordando os fluxos migratórios, a integração e inclusão social, os perfis socioculturais das populações migrantes, a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho, as políticas de imigração, a multiculturalidade nas escolas, entre vários outros tópicos (Machado, 2010)

METODOLOGIA

A abordagem metodológica segue o estudo de caso exploratório, considerando o estudo específico nas associações, a participação das mulheres guineenses com o objetivo de compreender quais as redes associativas que estas dinamizam. Irei captar tais pistas



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

através das narrativas das mulheres, seus projetos de mobilidade social, a articulação e os vínculos com a comunidade de origem, bem como os desafios vivenciados no cotidiano e sua influência nas comunidades.

Por ser um fenômeno ainda pouco investigado, optou-se por uma abordagem descritiva, que permitirá uma compreensão mais ampla e profunda sobre quais as motivações para migrar, detalhar as condições de vida, analisar as estruturas familiares, práticas culturais e redes de apoio.

Para atender aos objetivos enunciados, utilizou-se metodologias qualitativas, com métodos etnográficos, incluindo técnicas diversas que possibilitem a interpretação da realidade, tais como a abordagem da observação participante, entrevistas com atores-chave, grupos focais e biografização dos percursos migratórios. O objetivo é compreender a participação das mulheres no associativismo migrante com foco nas redes transnacionais.

Portanto, no primeiro momento, debrucei-me na pesquisa documental, consultando os relatórios do Observatório das Migrações, Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, bem como o Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE) e relatórios sobre a diáspora guineense e seu contributo no desenvolvimento local na terra natal.

Ainda na fase da pesquisa exploratória, pesquisei as organizações da diáspora bissau-guineense na Plataforma da Diáspora Guineense Não Rede, que lista 18 associações. Optei por contactar somente as associações na Grande Lisboa, devido à maior concentração do associativismo guineense na chamada Linha de Sintra (Massamá, Queluz, Amadora) e na região conhecida como Margem Sul (Seixal, Setúbal, Vale da Amoreira), na expectativa de manter um convívio cotidiano nas atividades das associações para a coleta de dados indispensáveis a esta tese.

As mulheres contactadas até o momento somam um grupo de 10, com percursos migratórios diversos, motivações, religiões e etnias. A maioria é muçulmana, pertencente às etnias Fula, Mandinga e Manjaca. Algumas migraram inicialmente para o Brasil para continuar os estudos superiores, outras para a França, mas hoje vivem em Portugal há 6, 10 ou 20 anos. Algumas participantes são casadas, com filhos em Portugal ou na Guiné-Bissau sob cuidados familiares. Seis têm ensino superior, mas nenhuma trabalha em sua área de formação. As idades variam entre 32 e 65 anos.



Elas mantêm contato regular com familiares na Guiné-Bissau, enviando dinheiro para sobrinhos, filhos e outros parentes. Participam de grupos de poupança (as chamadas "abotas") e investem em propriedades e educação de familiares. Todas relataram as dificuldades de ser mulher negra africana em Portugal, sem mencionar diretamente o racismo, mas expressaram sentir rejeição. Também relataram desafios com a língua e o preenchimento de documentos, especialmente em interações com instituições públicas.

Contactei os dirigentes das associações por WhatsApp, e-mail e, em alguns casos, pessoalmente, a fim de compreender os objetivos das associações e a conexão com o desenvolvimento local nas comunidades da Guiné-Bissau, com foco em compreender como as mulheres participam nas decisões, metas e como gerenciam essa dinâmica no cotidiano da comunidade guineense em Portugal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas com essas 48 organizações. As regiões mais beneficiadas por essas iniciativas foram Cacheu, seguidas por Bafatá e Gabú, destacando-se pela relevância e dimensão da emigração (Rodrigues, 2023). Vale ressaltar as dificuldades enfrentadas para conseguir contatos: alguns telefones não atendem, por e-mail não obtive respostas e a maioria das associações não tem sede própria, com seus membros muitas vezes fora do território nacional português. Os horários das mulheres são muito diversificados, algumas têm tempo somente pela manhã, outras somente regressam a casa às 22 horas, e algumas somente aos domingos.

Durante esse processo, fiz anotações, gravei falas e participei de eventos como feiras de artesanato e reuniões de movimentos sociais sobre moradia. O objetivo desse momento exploratório foi ouvir suas narrativas sobre motivações para migrar, trajetórias socioprofissionais e escolares, bem como compreender os objetivos e metas das associações das quais fazem parte.

Participei de uma formação na Associação dos Filhos de Farim (AFAFC) no domingo, 11 de fevereiro de 2024, das 9h às 14h. A sessão, ministrada pelas ativistas Lina Ramos, Regina Conté e Mariama Djaló, sensibilizou homens e mulheres no combate à Mutilação Genital Feminina (MGF) – *Fanado di Mindjeris* –, em parceria com entidades da



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Guiné-Bissau, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e a Câmara de Sintra. As atividades incluem a intervenção das mulheres ativistas guineenses, panfletagem em feiras em Massamá, com prioridade no combate e sensibilização desta prática na comunidade guineense.

A AFAFC atua em diversas frentes, como envio de medicamentos durante a epidemia de Ébola, envio de equipamentos para o Hospital de Farim-Guiné-Bissau (colchões, lençóis), envio de materiais de sensibilização (subwoofers para carros) e formação e sensibilização sobre cuidados com a COVID-19. Também realizam transferências monetárias com recursos coletivos dos membros da associação em toda a diáspora e desenvolvem formação e encontros promovidos por mulheres ativistas no combate à Mutilação Genital Feminina, financiados pela União Europeia.

A organização das associações criou uma rede que potencializa a coordenação e a concertação das organizações da diáspora, com foco nas associações que mantêm atividades para o desenvolvimento social, cultural e econômico na Guiné-Bissau e na diáspora, seja em Portugal, França, Luxemburgo ou Inglaterra, visando uma maior eficácia do investimento no desenvolvimento da Guiné-Bissau (Costa, 2016).

Contactei atores-chave, como o Professor José Leitão, ex-Alto-Comissário para Migrações e Minorias Étnicas (1996-2002), para ouvir sua narrativa sobre os desafios da implementação das medidas de proteção e direitos dos imigrantes, especialmente com o significativo fluxo das ex-colônias portuguesas. Sua relação direta com a comunidade guineense e seu conhecimento das primeiras associações, que surgiram essencialmente por laços familiares e de parentesco, foram imprescindíveis para compreender parte dos trajetos da comunidade guineense e suas motivações para se estabelecer em território português.

Além disso, está em andamento, utilizando a técnica de bola de neve, a coleta de dados com observação participante em quatro coletivos familiares e de amizade formados por mulheres que dinamizam as abotas (poupanças) conhecidas como Coletivos Abotas: Sidibé, Satu, Candé, Lica. Essas histórias se conectam através da narrativa de superação dos desafios diários, como os baixos salários.

Embora parte dessas mulheres possa ter formação superior, não conseguiram ultrapassar os entraves da burocracia. Assim, recriam práticas comunitárias, como as *abotas*,



não apenas para superar as dificuldades, mas também como momentos de encontro e *djumbai* (conversas) entre mulheres muçulmanas, que servem para a troca de informações e a indicação de possíveis trabalhos *part-time* para mulheres recém-chegadas da Guiné-Bissau ou de outros países europeus.

A pesquisa foca no associativismo migrante, com ênfase na participação das mulheres e nas redes sociais transnacionais como grupo de entreajuda e solidariedade. A análise dos dados será realizada com base na análise qualitativa, organização e transcrição das entrevistas gravadas, registros do cotidiano e notas de campo. A identificação dos temas e a triangulação dos dados serão feitas utilizando o software MAXQDA, que permite organizar, codificar, comparar e visualizar diferentes dados de maneira eficaz.

Segundo o estudo “Mapeamento das Organizações da Diáspora e do seu contributo para o Desenvolvimento da Guiné-Bissau”, foram identificadas 189 organizações da diáspora. Entre as que puderam ser contactadas, 48 haviam desenvolvido iniciativas de apoio ao desenvolvimento na Guiné-Bissau, com 78 iniciativas implementadas no total.

No portal do Alto Comissariado para as Migrações (ACM, 2024), no total, e espalhadas por todo o país, são 153 as Associações de Imigrantes, atualmente, reconhecidas pelo ACM, I.P., dentre as quais 99 encontram-se ativas. Estas associações representam diferentes países de origem: Angola, Bangladesh, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Índia, Moçambique, Moldávia, Nepal, Romênia, Rússia, São Tomé e Príncipe, Senegal, Ucrânia, entre outros.

Conforme Ramos & Dias (2020, p.457) no trabalho “MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E FEMINIZAÇÃO: impactos e desafios para as políticas públicas e para a integração nas cidades”, os dados do Observatório das Migrações, divulgados no Relatório “Indicadores de Integração de Imigrantes”, informam que é cada vez maior o número de países em que a proporção de mulheres ultrapassa a dos homens no universo de migrantes internacionais, a exemplo de Portugal.

No relatório do Observatório das Migrações MIGRAÇÃO EM NÚMEROS, o trabalho de Catarina Oliveira (2023, p.14) aborda que Portugal assistiu à feminização da imigração, entre 2012 e 2018, quando a proporção de mulheres de nacionalidade estrangeira, no total de residentes estrangeiros, suplantou a dos homens. O autor Machado (2002)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

apresenta, com profundidade, os percursos da mobilidade guineense, tanto no âmbito da mobilidade interna entre fronteiras com países vizinhos quanto ao discutir suas motivações para migrar para Portugal de forma desfaseada, referindo-se aos lusodescendentes e luso-africanos.

Nesse contexto de mobilidade social e debates sobre etnicidade e identidade na migração, o autor narra como os guineenses negociam suas identidades na sociedade portuguesa, enfrentando desafios de integração social e laboral. O estudo da antropóloga Maria Celeste Quintino (2004), "Migrações e etnicidade em terrenos portugueses, guineenses: estratégias de invenção de uma comunidade", além dos debates centrais sobre dinâmicas migratórias, aborda os trajetos consistentes em trânsitos de mobilidades diversas, desde motivações pessoais em busca de melhores condições de vida, oportunidades laborais, tratamentos de saúde e, sobretudo, o desejo de se reunir com familiares.

No artigo de Quintino (2010), "Práticas associativas de guineenses, conexões transnacionais e cidadania incompleta", a autora discute a diversidade associativa e as práticas e conexões transnacionais que promovem solidariedade e integração dos recém-chegados, além da manutenção dos laços familiares com a terra natal. Segundo Có (2004, p. 6), "[...] a fase inicial das associações é marcada pela influência das redes familiares e de parentesco/étnicas, além da formação das próprias comunidades migrantes". Essas redes permitem, no primeiro momento, acolher quem chegou e encaminhar para o serviço burocrático, bem como cessar informações sobre emprego, moradia, direitos e manter laços com o país de origem. Essas redes podem ser tanto formais (associações de migrantes, ONGs) quanto informais (amizades, familiares, conterrâneos).

Dessa forma, o contributo do associativismo é diversificado, podendo ocorrer tanto na integração social, cultural e política quanto na conquista de direitos políticos, no fomento de políticas públicas locais ou nacionais, de caráter formal ou informal. As redes de associativismo na diáspora guineense em Portugal manifestam-se em múltiplas escalas, sendo mais flexíveis, horizontais e informais, dentro das redes familiares e étnicas (Quintino, 2010), buscando a cidadania tanto no acolhimento, integração, inserção laboral quanto na comunidade portuguesa.



No artigo de Borges (2005), "As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural", o autor destaca como as mulheres guineenses são sujeitas centrais na socialização dos saberes ancestrais e valores comunitários, e como possuem forte influência no associativismo de base comunitária na sociedade guineense, numa estrutura mais horizontal e flexível, dinamizada por elas de acordo com seus interesses.

Esse associativismo é geralmente baseado em afinidades étnicas, afetivas, relações de vizinhança ou de trabalho, sendo uma característica da África Ocidental a dinâmica das associações voluntárias e informais, tanto em áreas rurais quanto urbanas, para suprir a deficiência do Estado e enfrentar os desafios diários, as mulheres guineenses através das suas redes transformam suas comunidades, oportunizando bem-estar para seus familiares.

No artigo de Borges (2010) "Migrações e Gênero: Acerca das migrações guineenses em Portugal", a autora contribui com o debate para a compreensão da especificidade da componente feminina no fenômeno migratório, a feminização das migrações em Portugal, a partir do estudo de caso das mulheres com origem na Guiné-Bissau residentes em Portugal". Os debates em torno de gênero, migração e associativismo são lacunas que precisam ser mais desenvolvidas, conforme constatei na análise documental e revisão da literatura. Analisar a categoria de gênero na perspectiva africana requer evitar universalizar as experiências das mulheres africanas, como no caso das guineenses, sob uma ótica ocidental.

Godinho (2010), em seu trabalho "As Mulheres do Setor Informal: Experiências da Guiné-Bissau", aborda as estratégias associativas femininas, mencionando o fenômeno das redes femininas de solidariedade guineenses nos centros urbanos e sua relevância no contexto social, cultural e econômico da sociedade guineense. Segundo o autor citado e Semedo (2010), "as redes de solidariedade social se organizam por afinidade étnica, de vizinhança e comunitária, as chamadas *mandjuandadis*". Esses grupos são mobilizados em redes - grupos de convivência social - e são organizações baseadas em práticas culturais e comunitárias, que funcionam na base da classe etária, organizando-se de maneira autônoma, de acordo com interesses comuns e normas predefinidas e aceitas por todos os membros."

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A experiência migratória das mulheres guineenses, assim como a minha, faz parte de uma tendência mais ampla da migração no século XX: mais diversificada, com fluxos da feminização, na qual as mulheres são agentes de mobilidade social, migrando também como forma de se reunirem com suas famílias (Piscitelli, 2008; Assis, 2007).

Desse modo, essa tendência nos obriga a atentar para o modo como a categoria de gênero está atravessada pelos marcadores das desigualdades entre homens e mulheres, somados os desafios da interseccionalidade nos aspectos de opressão de gênero, raça e classe, e a condição socioeconômica. As mulheres imigrantes dinamizam suas redes de sociabilidades nas migrações desenvolvendo seus projetos pessoais de forma autônoma em relação aos homens, enfrentando as desigualdades estruturais tanto nas suas comunidades de origem como na sociedade receptora (Faria, 2019).

O estudo concluiu que o forte capital social da diáspora guineense tem impacto direto no desenvolvimento local. Das iniciativas analisadas, 6 em cada 10 foram financiadas com recursos próprios dos membros das associações, principalmente através de cotas. As áreas prioritárias dessas iniciativas incluem educação, saúde, segurança alimentar e cultura, que estão no topo das ações desenvolvidas. O maior contributo do associativismo da diáspora guineense é o desenvolvimento social por meio das redes familiares coétnicas que desempenham um papel crucial na criação de vínculos entre a diáspora e a Guiné-Bissau. (Có, 2004).

As redes associativas surgem para dar resposta à superação das dificuldades e à falta de acesso a serviços básicos, como educação gratuita, saúde e rendimentos. No caso das *abotas*, são estruturas informais criadas entre trabalhadores da mesma empresa ou instituição, funcionando como uma espécie de crédito bancário com investimento rotativo mensal entre um grupo de amigos ou membros de uma determinada classe, bairro ou etnia. A base das *abotas* são as contribuições mensais em dinheiro, entregues por sorteio dos membros ou conforme a situação, podendo a ordem ser alterada. (Godinho, 2010).

REFERÊNCIAS



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ABRANCHES, M. **Pertenças fechadas em espaços abertos: estratégias de (re)construção identitária de mulheres muçulmanas em Portugal.** 2013. Tese (Doutorado) – Alto Comissariado para as Migrações. ISBN 978-989-8000-39-2.

ABRANCHES, M. **ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES. O que são as associações de imigrantes e o que fazem?** 2024. Disponível em:
<https://www.acm.gov.pt/pt/-/o-que-sao-as-associacoes-de-imigrantes-e-o-que-fazem->.
Acesso em: 15 ago. 2025.

ASSIS, G. de O. Mulheres migrantes no passado e no presente: redes sociais e imigração internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 336-355, 2007.

BORGES, M. M. As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural. **Revista Educação em Questão**, v. 22, n. 8, p. 7-33, 2005. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BORGES, M. M. Migrações e género: acerca das migrações guineenses em Portugal. In: **CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS**, 7., 2010, Lisboa. Anais [...]. Lisboa, 2010.

CÓ, J. R. B. **As associações das comunidades migrantes em Portugal e a sua participação no desenvolvimento do país de origem: o caso guineense.** Lisboa: Instituto, 2004.

COSTA, B. A. da. **Diáspora guineense como agente de desenvolvimento local: o papel das associações guineenses em Portugal nos projetos de cooperação e desenvolvimento na Guiné-Bissau.** 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/2038>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FARIA, G. J. Feminização dos circuitos migratórios: um diálogo entre o trabalho do care, redes sociais e processos de desenvolvimento social. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 24-41, 2019. DOI:
<https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>.

GODINHO, Gomes. As mulheres do setor informal: experiências da Guiné-Bissau. In: **CONGRESSO DE ESTUDOS AFRICANOS NO MUNDO IBÉRICO**, 6., 2010, Las Palmas. Anais [...]. Las Palmas: Aquário, 2010. p. 682-701.

MACHADO, F. L. **Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal.** Oeiras: Celta Editora, 2002.

MACHADO, F.L. **Quarenta anos de imigração africana: um balanço** [Quarante années d’immigration africaine: un bilan] [Forty years of African immigration: a balance]. Ler História 56, 2010, 135–165.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

NÔ REDE – DIÁSPORA. **Diáspora**. [s.d.]. Disponível em: <https://diasporagb.org>. Acesso em: 10 maio 2025.

OLIVEIRA, Catarina Reis de (2023) Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual. **Relatório estatístico anual**. Lisboa: Observatório das Migrações, 2023.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 1-18, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>.

QUINTINO, M. C. R. **Migrações e etnicidade em terrenos portugueses: guineenses estratégias de invenção de uma comunidade**. 2010. Tese (Doutorado) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2004.

QUINTINO, M. C. R. Práticas associativas de guineenses, conexões transnacionais e cidadania incompleta. **Migrações**, n. 6, p. 81-102, 2010.

RAMOS, M.; DIAS, M. S.; NATÁLIA, P. Migrações contemporâneas e feminização: impactos e desafios para as políticas públicas e para a integração nas cidades. **Revista de Políticas Públicas**, v. 24, p. 456-473, 2020. Disponível em: <https://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/15157>. Acesso em: 15 ago. 2025.

RODRIGUES, F. **Das organizações da diáspora e do seu contributo para o desenvolvimento da Guiné-Bissau (2016-2021)**. 2023.

SEMEDO, M. O. da C. **As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Submetido: 30/11/2025

Aprovado: 15/12/2025

Publicado: 01/01/2026

Autoria:

Universidade de Lisboa-Iscte.

Professora da Rede Municipal de Guaramiranga-Ceará-Brasil.

Investigadora no Centro de Estudos Internacionais - CEI.

Conselheira na Associação dos Filhos e Amigos de Farim- AFAFC-Portugal.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/> /lattes.cnpq.br/8306959040910206

E-mail: renataribeiroiscte@gmail.com